

Robert Vannoy , Deuteronômio, Palestra 9

© 2011, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

“3” era “Ausência de um prólogo histórico”. “4” era “Ausência de estipulação básica”. Lembre-se de que na forma hitita a estipulação básica é a obrigação fundamental de lealdade. Ele vem imediatamente após o prólogo. O rei diz: “Eu fiz isso e, portanto, você deveria trabalhar para me servir, o suserano”. Os tratados assírios não têm estipulações básicas, então essa é uma segunda diferença estrutural. A declaração de lealdade ao sócio-chefe pelo vassalo segue de perto o prólogo histórico dos tratados hititas. Agora, é claro, não há um prólogo histórico nos tratados assírios, e portanto não há essa estipulação básica. Então, em vez disso, os tratados assírios têm um juramento de fidelidade. Mas você percebe que isso está em um contexto bem diferente. Veja o que está incluído. Segue maldições e é seguido por mais maldições. Portanto, o juramento é feito num contexto de medo e não de confiança e lealdade. Nos tratados hititas você tem o prólogo histórico seguido daquela estipulação básica que é “Eu fiz isso por você; agora, com base no que fiz por você, sirva-me e seja leal a mim”. Então, mais uma vez, enfatiza a diferença na qualidade do relacionamento entre as duas partes. Tudo bem, são quatro, “Ausência de uma estipulação básica”.

O quinto é “Ausência de Bênçãos”. Há outra diferença estrutural em consonância com o tom duro dos tratados assírios. Não há bênçãos enumeradas por manter as estipulações do tratado. Os tratados hititas contêm maldições e bênçãos; os tratados assírios contêm apenas maldições e nenhuma bênção. A bênção é um dos elementos permanentes dos tratados hititas. Portanto, penso que poderíamos dizer que a sua ausência novamente é uma diferença importante quando se comparam os dois grupos de tratados: não só do ponto de vista da estrutura, mas também do ponto de vista da relação que está a ser estabelecida.

Quanto às maldições e bênçãos, se você olhar para Êxodo 20, há apenas uma sugestão de bênção e maldição no Decálogo, os Dez Mandamentos. Você recebe uma sugestão de bênção na ordem de honrar seus pais. “Honre seu pai e sua mãe para que você possa viver muito tempo na terra.” Isso corresponderia a: se você fizer isso você

será abençoado. Você percebe uma sugestão de maldição em “não tomarás o nome do Senhor em vão; o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão”. Mas os elementos de bênção e maldição não são bem elaborados. Não está presente em todos os mandamentos, mas acho que o elemento de maldição e bênção está presente nos Dez Mandamentos. Certamente é muito mais claro em Deuteronômio.

Tudo bem, esse era o número “5”. “6” é “As estipulações dos tratados assírios são unilaterais”. As estipulações dos tratados assírios visavam exclusivamente o parceiro menor, ou vassalo. Em outras palavras, as obrigações do sócio menor são para com o grande rei. Não há nenhum indício de responsabilidade recíproca na obrigação do rei de prover e proteger o vassalo. Isso é algo comum nos tratados hititas. Por outras palavras, nos tratados hititas, o grande rei não só diz: “Olha, quero que faças isto, isto e isto”, como também se obriga a fazer certas coisas pelo vassalo. Portanto, há ali uma relação recíproca que está ausente na natureza unilateral das estipulações assírias.

7. “Os Tratados Assírios são estritamente Tratados de Sucessão.” O assunto dos tratados assírios é bastante diferente daquele dos hititas. No tratado assírio tudo é direcionado para uma questão específica, e essa é a questão da sucessão, a sucessão: do rei Assurbanipal de Esarhaddon. Portanto, quando comparamos isso com os tratados hititas, os tratados hititas não se limitaram a apenas um aspecto da relação entre os parceiros. Abrangem uma ampla gama de tópicos importantes para ambos os lados do acordo.

Portanto, “8” é “Conclusão”. Parece-me que podemos dizer, com base nestas considerações, que existem diferenças importantes entre os tratados da Assíria e de Esarhaddon e os hititas. O padrão estrutural é diferente nos tratados assírios, e intimamente ligado a isso está um espírito diferente. Portanto, a relação, em vez de ser de apoio mútuo, é de duras exigências e ameaças do rei assírio colocadas ao vassalo.

Agora, com base neste tipo de considerações, parece-me que Meredith Kline tem uma base razoável para dizer que os tratados assírios são diferentes dos anteriores tratados hititas. Há uma evolução, ou mudança, na forma dos tratados ao longo desse período. Há razões adequadas para ele concluir isso. Agora, curiosamente, Mendenhall,

que escreveu aquele artigo em 1954 que chamou a atenção para o tratado e o material do pacto, bem como WF Albright e John Bright, entre outros, estão de acordo com Kline sobre isso. Mendenhall, em seu artigo original “Lei e Aliança”, diz: “Este tipo de aliança é ainda mais importante como ponto de partida para o estudo das tradições israelitas devido ao fato de que não pode ser provado que tenha sobrevivido à queda dos grandes impérios. do final do segundo milênio a.C. Quando os impérios surgiram novamente, nomeadamente a Assíria, a estrutura da aliança pela qual ligaram os seus vassallos é completamente diferente.” Essa foi a declaração de Mendenhall. Ele disse que não se pode provar que os tratados hititas originais sobreviveram até o próximo milênio nos tratados assírios. Era uma estrutura totalmente diferente. Ele diz ainda: “Em todos os outros materiais falta o prólogo histórico que existe nos tratados assírios. E apenas as divindades assírias são listadas como testemunhas. Todo o padrão também é radicalmente diferente. É claro que é possível que a forma tenha sobrevivido em outro lugar. Mas o escritor não conseguiu encontrar nenhuma evidência disso. Deveríamos também esperar que, mesmo que tivesse sobrevivido, mudanças mais ou menos profundas na forma teriam ocorrido.”

Albright em *Stone Age to Christianity* concorda com Mendenhall e diz: “A estrutura de meia dúzia de tratados assírios que são encontrados em tratados fenícios que conhecemos desde o final do século VIII a.C. e mais tarde, é bastante diferente.” Isto é semelhante a John Bright em sua *História de Israel*.

Portanto, dadas essas considerações, fico intrigado por que tanto DJ Wiseman quanto McCarthy dizem que a forma era essencialmente a mesma. Mas tanto Wiseman, que publicou os tratados assírios, como McCarthy argumentam que a forma é essencialmente a mesma. DJ Wiseman, em sua publicação dos tratados, comenta sobre o assunto, diz: “A forma dos tratados já estava padronizada na época do império hitita, e este texto [que é o tratado vassalo de Esarhaddon] mostra que permaneceu basicamente inalterado através dos tempos neo-assírios.” Ele fala sobre a forma hitita padronizada dizendo que ela permaneceu inalterada durante os tempos assírios. Então McCarthy pega no assunto, apoia Wiseman e diz: “Diz-se que o tratado assírio e outros tratados do

primeiro milênio são comparativamente diferentes em estrutura da forma hitita do segundo milênio. Parece-me que a análise que acabamos de concluir não confirma isso.” E ainda mais recentemente, Moshe Weinfield no seu livro *Deuteronomy and the Deuteronomic School*, 1972, diz: “Não há justificação para considerar a formulação dos tratados hititas como sendo única. Nem há qualquer base para a suposição de Mendenhall de que apenas os tratados hititas serviram como modelo e arquétipo da aliança bíblica.” Agora você pode tirar suas próprias conclusões, mas o que você tem é DJ Wiseman, McCarthy e Weinfield, dizendo que basicamente não há diferença entre os tratados assírios e hititas. Considerando que temos Kline, Albright, Bright, Mendenhall e outros dizendo que há uma mudança radical entre a forma hitita e a forma assíria. Agora, existem certos elementos que são semelhantes, você tem estipulações, você tem maldições, você tem testemunhas. É verdade que você tem algumas semelhanças, mas no meio das semelhanças o que quero dizer, e acho que o que Mendenhall quer dizer é que existem algumas diferenças marcantes que são de importância suficiente para que não se possa dizer que não haja modificações na forma.

Este tipo de tratado se enquadra no que é conhecido pelas técnicas e estratégias militares assírias, que sabemos serem muito violentas e implacáveis. Eles forçaram outras pessoas com terror, e o formato do tratado assírio se ajusta a isso.

Mas o que Weinfield faz, e vários outros incluindo McCarthy, é argumentar que existe o pacto do tratado e que a forma é encontrada em materiais bíblicos, mas foi tirada dos assírios numa data tardia, por volta de 600 ou 700 a.C., o que gira em torno do implicações históricas das origens mosaicas. Não podemos dizer que os israelitas obtiveram o formato do tratado dos assírios; não se ajusta tão bem a essa forma como os tratados hititas. É por isso que este ponto é tão importante para o argumento de Kline, mas voltarei a esse assunto.

Vamos para D: “Os Tratados Aramaicos de Sefire Comparados com os Tratados Vassallos de Esarhaddon e com os Tratados de Suserania Hitita”. Primeiro, algumas observações introdutórias: Havia tratados aramaicos chamados de tratados de Sefire. Eles datam do século VIII aC. São um pouco anteriores aos tratados assírios. Os tratados

assírios foram de 672 aC; Os tratados Sefire foram do século VIII, no século 700 aC. Eles são geralmente chamados simplesmente de “ Sefire um”, “dois” e “três”, pois existem três textos de tratados. Número romano Sefire I, II e III. E foram encontrados em Sefire , num lugar chamado Síria, há cerca de 60 anos. Mas foi somente em 1958 que eles foram publicados e receberam alguns estudos. Dois deles estão em um museu em Damasco, na Síria, e o outro está em um museu em Beirut , no Líbano.

2. “Um Breve Levantamento do Formulário” – coloquei ali um esboço do formulário. Observe várias partes: Título; deuses que foram testemunhas; maldições, com direitos que as acompanham; caráter sagrado do tratado; estipulações; lembrete para o futuro; bênçãos; maldições.

Agora, essa forma foi retirada do primeiro texto de Sefire , numeral romano I, que é um texto completo. Os outros são bastante fragmentários. Mas você tem um título que apresenta as partes contratantes. Diz: “O tratado do Virgayah [em um determinado lugar] com Matiel , filho de Upter Somas, o rei de Farfad [e assim por diante].” Então você tem os dois parceiros do tratado apresentados. Agora, é o tratado de Virgayah . Esse indivíduo não é conhecido fora desta referência a ele. Não há nenhuma outra referência conhecida. A terra da qual ele era rei também não foi identificada com certeza. O vassalo Matiel é identificado em outro tratado dos assírios – o tratado de Asher- Mirrari , o quinto governante da Assíria. Matiel é um governante do norte da Síria, entre o Eufrates e o Mediterrâneo, por volta de 754 a.C.

Não vou detalhar todas essas seções, acho que pelo título você pode dizer que tipo de material é. Mas as maldições com direitos que as acompanham terão uma seção como esta: “assim como esta cera é queimada pelo fogo, Arpad será queimada e suas cidades filhas”. Então parece que eles estavam queimando cera demonstrando a maldição.

O segundo texto de Sefire é muito fragmentário. Foi encontrado em cerca de uma dúzia de peças, e quando as peças foram encaixadas, você tem porções de descrição que parecem muito semelhantes à estrutura desses textos. Mas não tem grande valor em comparação com outros tratados.

O terceiro documento é novamente fragmentário e contém apenas estipulações. É

a única seção que resta no terceiro documento; essa é a seção número 6 do formulário. Mas tem a mais extensa coleção de estipulações de qualquer um desses três textos. Assim, você obtém uma ampla compreensão das estipulações. Dizem respeito a coisas como a rendição de conspiradores, a rendição de fugitivos, a liberdade de passagem, a passagem de fronteiras, a vingança a tomar em caso de assassinato, o regresso recíproco de fugitivos e várias coisas desse tipo. As estipulações, desde que preservadas, são unilaterais. Eles regulam a conduta do vassalo. Não são de natureza recíproca, com uma exceção: o regresso dos fugitivos. Portanto, há uma exceção, mas geralmente são unilaterais.

Vamos passar para três: “Semelhanças dos Tratados de Sefire com os Tratados Assírios”. Se você observar a estrutura, encontrará uma semelhança entre os dois na ausência de um prólogo histórico. Os tratados assírios não têm prólogo histórico, e os tratados de Sefire não têm prólogo histórico. Então, nesse sentido, podemos dizer que os tratados de Sefire estão mais próximos dos tratados assírios do que dos tratados hititas. Eles não têm um prólogo histórico nem a estipulação básica de nenhum deles.

Fitzmeyer diz: “Um elemento em particular está significativamente ausente, o prólogo histórico. Qualquer que seja a razão atribuída para a omissão deste elemento nos tratados aramaicos, a ausência dele constitui uma grande diferença entre os tratados aramaico e hitita. Este elemento é básico para a concepção hitita da aliança. Constitui um quadro jurídico dos tratados de suserania hitita. Os suseranos hititas revogaram favores aos seus vassalos, bem como aos de seus antecessores, a fim de estabelecer as obrigações do serviço do vassalo. Na verdade, é precisamente este elemento que está ausente nas alianças do primeiro milênio a.C., sejam elas aramaicas ou assírias.” Esta qualificação parece ser necessária à luz dos comentários feitos por Wiseman, de que a forma da aliança permaneceu basicamente inalterada durante os tempos neo-assírios. Você vê que estamos de volta a esse ponto de disputa. Fitzmeyer publicou as inscrições aramaicas de Sefire ; esse é esse volume. Podemos ler o texto e seus comentários sobre ele.

Em segundo lugar, não só faltam o prólogo histórico e aquela estipulação básica, mas também as estipulações são unilaterais. Já mencionei que, com exceção do retorno

dos fugitivos, são unilaterais. Isto contrasta novamente com os tratados hititas. Mencionei isso antes em conexão com os tratados assírios, que também são unilaterais. Veja, nos tratados hititas muitas vezes há o que chamamos de “cláusulas de proteção”, nas quais o grande rei se compromete a proteger o vassalo. FC Fensham diz: “Uma das estipulações mais humanas no tratado hitita é a promessa de proteção do vassalo contra os inimigos. Esta proteção poderia ter sido prometida para salvaguardar o reino do sócio-chefe, mas ainda assim foi uma experiência muito encorajadora para o vassalo. Não havia inimigo a temer. Sob tais condições, os pequenos reinos poderiam prosperar em tempos de coexistência pacífica. Não havia nenhuma cláusula de proteção nos tratados assírios ou nos tratados de Sefire .”

Uma outra diferença é a colocação da seção de testemunhas. Nestes tratados de Sefire , os deuses são chamados como testemunhas logo após o parágrafo introdutório, título ou preâmbulo. Observe onde estão as testemunhas no tratado hitita. É depois das estipulações e não antes. Portanto, neste Sefire segue mais de perto a forma assíria do que a hitita. A forma assíria tem deuses como testemunhas logo após o preâmbulo ou título. Existem certas semelhanças, embora as diferenças que acabamos de examinar. Há certas coisas em que os tratados de Sefire estão mais próximos dos tratados hititas do que dos tratados assírios, e você vê isso, em primeiro lugar, porque os deuses de ambos os parceiros são listados como testemunhas. Os deuses do grande rei e do vassalo são citados nos tratados aramaicos. Da mesma forma, nos tratados hititas, os deuses de ambos os parceiros são testemunhas: os deuses do grande rei e também os do vassalo. Mas os tratados assírios nomeiam apenas as divindades assírias. Eles não nomeiam as divindades dos parceiros menores. Portanto, neste momento, os tratados de Sefire estão mais próximos dos tratados hititas do que dos tratados assírios.

Terceiro, o objeto das estipulações é mais amplo do que os tratados assírios. Os tratados assírios preocupam-se apenas com a sucessão. Os tratados de Sefire têm um alcance muito mais amplo e, nesse sentido, estão muito mais próximos dos tratados hititas.

Em quarto lugar, Fitzmeyer, na sua discussão dos tratados de Sefire , salienta que

o estilo de formulação de algumas das estipulações é muito próximo das estipulações da formulação do tratado hitita. Há uma correspondência muito próxima, então você também pode apontar isso.

Isso me leva ao “5” “A Conclusão”. Penso que podemos concluir que os tratados de Sefire apresentam algumas afinidades com os anteriores tratados hititas, mas, ao mesmo tempo, existem diferenças importantes. Em particular, a ausência de um prólogo histórico, as estipulações básicas e a natureza unilateral das estipulações básicas. Então parece que você tem uma progressão. Você tem a forma hitita clássica, depois os tratados de Sefire e depois os tratados assírios de Esarhaddon. Sefire tem mais relação com a forma hitita do que a assíria. Os tratados de Sefire estão em algum ponto intermediário, pode-se dizer, em termos de estrutura e conteúdo. Existem algumas semelhanças com os tratados assírios, outras com os tratados hititas. Mas parece que o que Kline diz sobre uma evolução no desenvolvimento da forma do tratado está correto. Os tratados de Sefire e da Assíria parecem basear-se mais no medo, enquanto o hitita se baseava mais na confiança e na lealdade. O vassalo tinha motivos para responder com lealdade por causa de todas as coisas boas que o grande rei havia feito por ele.

Muitas destas pessoas estão a tentar contornar a força do modelo de Kline dizendo que não há realmente muita diferença entre os dois tipos de tratados. Se você olhar para eles e observar essa estrutura, Kline está justificado em concluir que há uma diferença real entre a forma hitita clássica e a forma posterior assíria ou aramaica de Sefire. Temos um tratado de paridade entre Ramsés II e o governante hitita e temos uma cópia dele. Visto que o Egito e os hititas tinham relações, Moisés pode muito bem ter conhecimento desses tipos de documentos.

O que me leva então ao “C”, “As Implicações da Analogia Tratado/Aliança para a Data de Deuteronômio”. Parece-me que a evidência justifica a conclusão de que se pode dizer que os tratados hititas representam uma forma inicial única do tratado que não é duplicada em tratados posteriores, quer os de Esarhaddon quer os de Sefire. Intimamente ligado a isso está o espírito diferente refletido nos tratados hititas, enraizado na gratidão e no respeito do vassalo pelo suserano, ou grande rei. Os tratados assírios têm uma

estrutura diferente e um espírito totalmente diferente. Os tratados de Sefire têm algumas semelhanças com os tratados hititas, mais do que os assírios, mas também carecem daquele importante prólogo histórico e da estipulação básica. Portanto, penso que Kline fala com razão da evolução da forma documental dos tratados de suserania. Ele admite que as diferenças não devem ser exageradas, que é de fato uma espécie que você encontra nos tempos do Antigo Testamento. Mas ele encontra uma evolução discernível. Então ele diz: “Deuteronômio corresponde mais de perto em estrutura e espírito aos primeiros tratados hititas do que aos tratados de Sefire ou aos tratados assírios dos séculos VIII e VII”. Penso que a conclusão de Kline tem muito mérito e merece atenção, mais do que é recebida, particularmente por alguns destes estudiosos críticos.

Kline conclui na página 43 do seu *Tratado do Grande Rei*: “Embora seja necessário reconhecer a continuidade substancial na matéria entre os tratados anteriores e posteriores, é apropriado distinguir os tratados hititas do segundo milênio a.C. como a forma clássica. Sem dúvida, o livro do Deuteronômio pertence à fase clássica desta evolução documental. Aqui está então a confirmação da origem mosaica *prima facie* do Deuteronômio como um tratado do grande rei.” Bem, essa é a essência de sua tese. Acho que ele está justificado em sua conclusão.

Agora, para ir um pouco além disso, você está lendo J. Thompson em seu Tyndale Commentary. Ele diz nas páginas 51 e 52 que tem reservas quanto à força do argumento de Kline. Ao ler Thompson, você descobrirá que ele defende uma data de Deuteronômio nos séculos 11^e 10^{aC}, aproximadamente na época da Monarquia Unida durante os reinados de Davi e Salomão. É pós-mosaico, mas precoce em termos de reino. Ele vê Moisés por trás do cerne do livro, mas acha que os processos editoriais o trouxeram à forma atual e que é posterior à época de Moisés. Em outras palavras, ele não aceita a tese de Kline de que esta forma apoia uma data mosaica para a origem do Deuteronômio.

Ele sugere isso com relação à tese de Kline: “Deuteronômio foi colocado na forma de um tratado por alguém que escreveu muito depois dos dias de Moisés”. Em outras palavras, ele não nega a analogia tratado/pacto, mas afirma que a forma poderia ter sido adotada posteriormente. Sua visão ali é muito semelhante à visão de R. Frankena. Em

seu “Os Tratados Vassallos de Esarhaddon e a Datação de Deuteronômio”, Frankena analisa os tratados assírios e defende a dependência hebraica dos tratados assírios, em particular as formulações de maldição em relação ao Deuteronômio. Ele diz: “Eles estão intimamente relacionados com a forma dos tratados assírios”, então ele os relaciona agora com este tempo.

Como já mencionei, Weinfield fala de escribas da corte na época em que Ezequias e Josias estavam familiarizados com o formato do tratado assírio e o trouxeram para Israel. Então, a partir desse mecanismo, foi usado com Deuteronômio. De modo que Thompson comenta que: “Deve-se admitir a possibilidade de que Deuteronômio tenha sido moldado na forma de um antigo tratado por alguém que escreveu muito depois dos dias de Moisés”. Então isso é uma coisa que ele diz.

Outra coisa que ele diz é: “O argumento do prólogo histórico não é sólido porque os tratados assírios ou aramaicos podem ter assumido um prólogo ou este pode ter sido declarado oralmente”. Ele não nega que esteja ausente, mas diz que eles podem ter assumido ou declarado oralmente e, portanto, não está no texto. Portanto, você não pode dar muita importância ao fato de não haver um prólogo histórico. Além disso, ele reivindica evidências de um texto de tratado do século VII com um prólogo histórico. O problema é que se trata de um texto controverso; é um texto muito fragmentado e fragmentado, e vimos pessoas que questionaram se existe ou não um prólogo histórico. Mas, em qualquer caso, Thompson tenta enfraquecer a defesa da evolução da forma do tratado, sugerindo que o prólogo histórico não é uma característica única dos primeiros tratados hititas. Então ele conclui: “Portanto, o fato de Deuteronômio ter uma introdução histórica não é necessariamente um argumento para uma data no segundo milênio, embora possa ser”, então ele evita isso.

Acho que meus tempos estão acabando. Não posso continuar muito mais, mas quero interagir com Thompson, não apenas sobre esses dois argumentos, ou seja, o argumento do prólogo histórico e a ideia de que foi colocado na forma de tratado por alguém mais tarde. Comentarei isso e depois alguns outros argumentos, mas teremos que fazer isso no início da próxima semana, antes de discutirmos a centralização do culto.

Acho importante interagir com Thompson porque o comentário de Thompson está na série InterVarsity Tyndale, que é uma série evangélica. Poderíamos esperar que Thompson apoiasse uma data do Mosaic e aceitasse o argumento de Kline, mas ele não o faz.

Transcrito por Alessio Tranchell
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final do Dr.
Renarrado pelo Dr.